
**O USO DA CARTOGRAFIA SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DO
TURISMO COMUNITÁRIO: o caso do Território Quilombola-
Pesqueiro do Cumbe, Aracati – CE**

**THE USE OF SOCIAL CARTOGRAPHY IN THE CONSTRUCTION
OF COMMUNITY TOURISM: the case of the Quilombola-Fishing
Territory of Cumbe, Aracati - CE**

Lara Maia dos Santos

Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, CE, Brasil
laramaiads@gmail.com

Camila Dutra dos Santos

Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, CE, Brasil
camila.dutra@uece.br

Resumo

O Território quilombola-pesqueiro do Cumbe passa por conflitos devido à presença de empreendimentos chamados “desenvolvimentistas”, tais como a carcinicultura e a energia eólica, que privam o território e impedem os modos de vida dos(as) quilombolas. A comunidade vê no turismo comunitário uma forma de resistência dos seus costumes e vivências, e a cartografia social surge como metodologia de reconhecimento territorial. O objetivo geral do artigo é entender como a cartografia social pode ser utilizada como ferramenta para visibilizar os sujeitos e suas atividades cotidianas e culturais no mesmo mapa, utilizando das práticas da pesquisa participativa desenvolvidas em projetos de extensão universitária. A cartografia social surge então como importante ferramenta de pesquisa para a visibilização dos territórios e comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Território. Cumbe. Cartografia social. Conflitos. Resistências.

Abstract

The quilombola-fishing territory of Cumbe is going through conflicts due to the presence of so-called “developmentalist” enterprises, such as shrimp farming and wind energy, which deprive the territory and impede the quilombolas' ways of life. The community sees community tourism as a form of resistance to their customs and experiences, and social cartography emerges as a methodology for territorial recognition. The general objective of the article is to understand how social cartography can be used as a tool to visualize subjects and their daily and cultural activities on the same map, using participatory research practices developed in university extension projects. Social cartography then emerges as an important research tool for the visualization of territories and traditional communities.

Keywords: Territory. Cumbe. Social cartography. Conflicts. Resistance.

Introdução

O litoral cearense é acometido por ocupações associadas a um intenso processo de urbanização, de instalação de empreendimentos “desenvolvimentistas” e de projetos turísticos. O turismo de massa é visto como uma atividade bastante rentável devido à diversidade de atividades que são desencadeadas, alimentando o setor de serviços, com o grande número de hotéis e restaurantes, gerando a privatização de praias, monetizando paisagens e lugares na busca por lucro. Aproveita-se das formas já existentes e/ou constrói novas, artificializando os lugares.

O processo de globalização gera a padronização dos modos de vida existentes, e o turismo de massa utiliza desse método para artificializar o território. Na Comunidade quilombola-pesqueira do Cumbe, localizada no município de Aracati, região do litoral leste do estado do Ceará, o turismo possui uma perspectiva diferente, pois é visto como uma forma de afirmação da identidade e do território quilombola.

A comunidade quilombola-pesqueira do Cumbe é formada por pescadores e pescadoras, descendentes de quilombolas, onde estes são dependentes da preservação do território para realizar as atividades de autoconsumo. O território localiza-se em uma planície fluvial, com um extenso manguezal e campo de dunas, que estão sendo impactados com a presença de atividades como a carcinicultura (criação de camarões em cativeiro) e o parque eólico. Tais atividades geraram um processo de privatização de terras dentro do território, onde os moradores se viram impedidos de realizar suas tarefas do cotidiano, gerando intensos conflitos socioambientais (NASCIMENTO, 2017)

Os(as) quilombolas do Cumbe viram no turismo comunitário uma alternativa para proteger e enaltecer as identidades locais e o território, usando de uma prática de turismo que visa o coletivo na geração de emprego e renda para os(as) moradores(as). Ressalta-se, ainda, que isso acontece com conservação da natureza (CORIOLANO, 2008), podendo ser evidenciado a partir da cartografia social.

A cartografia social é uma ramificação da cartografia, na qual os saberes tradicionais, os modos de vida e as resistências são representados através dos mapas, demonstrando a perspectiva dos próprios moradores(as) (GORAYEB; MEIRELES; SILVA, 2015). Assim, o objetivo desse trabalho é discutir a metodologia da cartografia

social na construção de práticas emancipatórias e fortalecedoras da identidade dos povos tradicionais, tendo como foco o turismo comunitário desenvolvido do Quilombo do Cumbe.

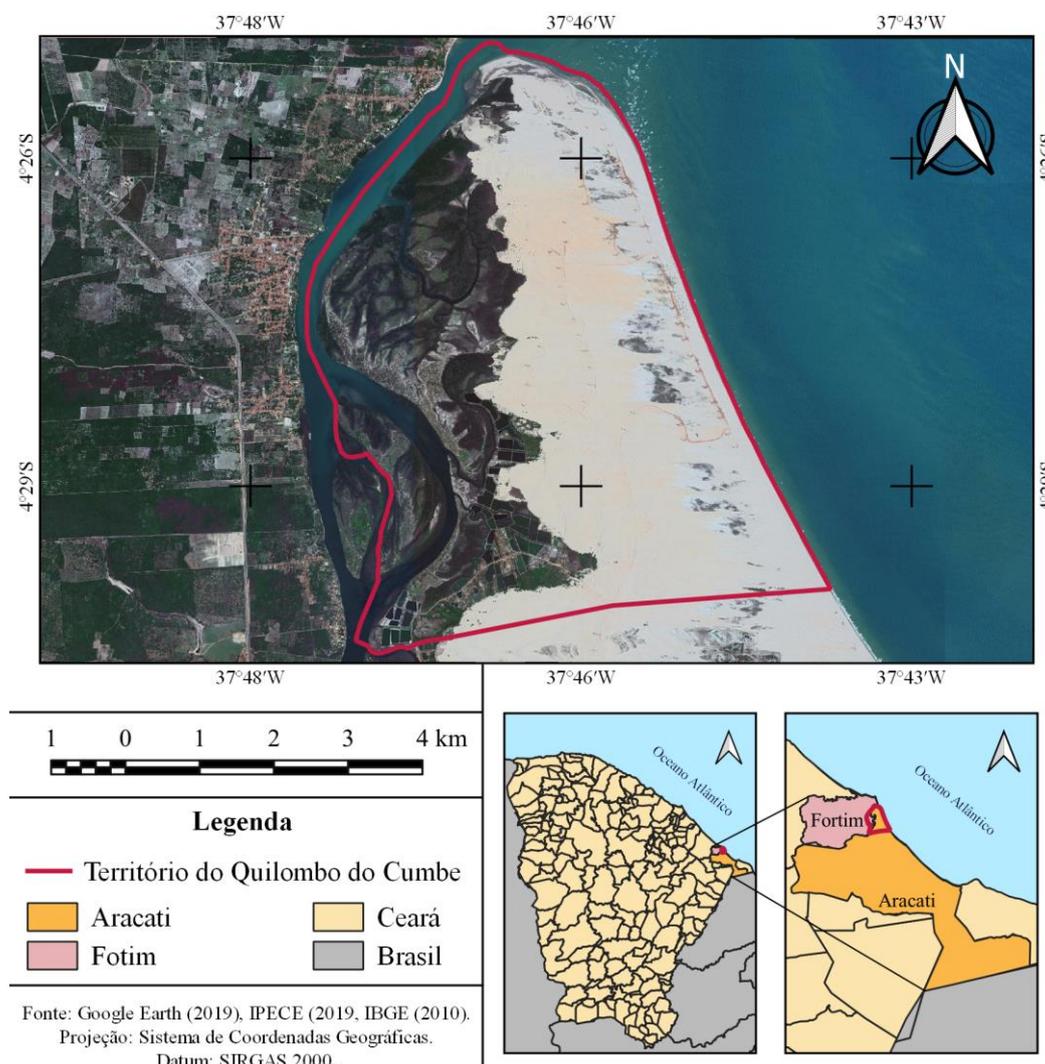
O território quilombola-pesqueiro do Cumbe e o turismo comunitário

A comunidade quilombola do Cumbe fica no município de Aracati, no estado do Ceará, a 172 km da cidade de Fortaleza, cujo acesso é feito através da CE-040. É a última povoação da margem direita do Rio Jaguaribe. O acesso se dá através do dique de contorno da cidade de Aracati, entrando logo após a Ponte Juscelino Kubistchek, na BR – 304, seguindo até o empreendimento turístico Mirante das Gamboas, continuando o percurso por uma estrada que atualmente encontra-se asfaltada, com 12 km de distância entre a sede do município de Aracati e o povoado, conforme mostra o Mapa 1.

A comunidade quilombola-pesqueira do Cumbe está contida dentro da Área de Preservação Ambiental - APA de Canoa Quebrada, sendo formada majoritariamente por negros(as) e pescadores(as) que vivem dos sistemas ambientais ali presentes como o mangue, o rio e as dunas, bem como as lagoas interdunares para práticas de lazer e refúgio. Segundo Nascimento (2014) a comunidade do Cumbe vem sendo acometida pela chegada de empreendimentos desenvolvimentistas desde a década de 1990, como a carcinicultura e os parques eólicos, assim como o crescimento do turismo de massa na região de Canoa Quebrada. Como resposta aos processos de invisibilização, a comunidade vem resistindo para ocupar o território e mostrar as práticas tradicionais desenvolvidas, como a pesca, a mariscagem, o artesanato e a agricultura, evidenciados pelo turismo comunitário local (SANTOS, 2020).

O desenvolvimento de práticas como o turismo comunitário, segundo Coriolano (2008), surge como uma alternativa ao turismo de massa desenvolvido, principalmente, na zona costeira, o qual se alia ao poder econômico local e à especulação imobiliária para proporcionar a mercantilização do lazer e da paisagem local. Dessa forma, o desenvolvimento do turismo comunitário advém como uma resistência ativa aos processos exploratórios do chamado turismo dos *resorts*, cujos lugares e pessoas são padronizados para atender à necessidade do turista, enquanto o meio ambiente e a população nativa perduram no esquecimento.

Mapa 1: Localização do território quilombola-pesqueiro do Cumbe



Org.: as autoras, 2022.

No Brasil, as comunidades que desenvolvem a prática do turismo comunitário fazem parte de uma rede de turismo em parceria com ONGs, movimentos sociais, e realizam a economia solidária, empenhados em encontrar um novo desenvolvimento pautado na coletividade e na preservação dos espaços.

O turismo comunitário surge, como afirma Coriolano (2008), tanto como uma alternativa de geração de emprego e renda para os moradores, quanto como valorização de espaços e comunidades que não estão inseridas nos roteiros turísticos convencionais, visando a compra de produtos locais, o artesanato, as comidas típicas, paisagens locais,

passeios de barco e festividades, para que os turistas entrem em contato com novas experiências e existências no lugar.

Com o apoio do Instituto Terramar e a colaboração de um coletivo de pessoas que resistem em defesa de seus territórios, surgiu a Rede TUCUM. A criação da rede de turismo comunitário veio da necessidade da troca de experiências e formas de realização de atividades entre comunidades tradicionais, para planejar juntas roteiros, formas de hospedagens, a valorização do comércio local, trabalhando para gerar autonomia dos moradores. De acordo com Rosa Martins, coordenadora da Rede Tucum, ninguém externo à comunidade consegue estruturar o turismo na região (PRISCILLA, 2016).

Conhecendo os conflitos que cercam o território e o processo de desenvolvimento do turismo comunitário no quilombo do Cumbe, conseguimos realizar a cartografia social, fruto dos projetos de extensão do NATERRA¹ em parceria com o Instituto Terramar, para cumprir com uma solicitação da própria comunidade sobre o mapeamento dos caminhos do turismo comunitário.

A cartografia social como processo de visibilização dos sujeitos do território

Esse trabalho é resultado das pesquisas extensionistas realizadas no Quilombo do Cumbe, pelo Grupo de Pesquisa do Campo, Natureza e Território (NATERRA/UECE), onde foram executados os projetos de extensão: “A Vulnerabilidade Socioambiental da Comunidade Quilombola do Cumbe frente às atividades de carcinicultura e energia eólica” e o segundo projeto chamado: “Pelos caminhos do turismo comunitário no território Quilombola-Pesqueiro Cumbe (Aracati-CE): cartografias, memórias e vivências” em parceria com o Instituto Terramar. Esses trabalhos somente foram possíveis com a colaboração dos/as quilombolas, do grupo de pesquisa e das instituições, configurando-se assim em uma pesquisa participativa.

Segundo Santos (2020), para compreender o processo de resistência das comunidades tradicionais, como no Cumbe, é necessário considerar os sujeitos dos territórios pesquisados, protagonistas na produção científica.

¹ Grupo de Pesquisa e Articulação Campo, Terra e Território vinculado à Universidade Estadual do Ceará.

Sendo assim, foi essencial o laço construído com a Associação Quilombola do Cumbe, que permitiu o desenvolvimento das atividades extensionistas, promoveu a troca de saberes e aproximou a comunidade da Universidade. É perceptível que, em muitos territórios, a universidade não é bem-vinda, pois muitas vezes as pesquisas desenvolvidas não dialogam com as demandas locais, o diálogo não é mantido após as atividades de campo, então muitas conexões são desfeitas nesses processos.

Assim, podemos falar da importância de várias outras instituições de caráter popular que promoveram o diálogo dos pesquisadores do LECANTE/NATERRA com o território, como o apoio da Igreja, através do Conselho Pastoral dos(as) Pescadores(as) Artesanais (CPP), entidade composta por agentes pastorais, leigos, religiosos e padres comprometidos junto aos pescadores e pescadoras artesanais, na busca por uma sociedade justa e solidária.

Os procedimentos metodológicos para realização da pesquisa basearam, em síntese, em: levantamento bibliográfico da temática abordada; reuniões para sistematização de trabalhos de campo; trabalhos de campo; rodas de conversa com os/as quilombolas do Cumbe, grupo de pesquisa e ONGs; mapeamento uso de aplicativos de celular; análise de imagens de satélite, descrição de áudios e vídeos e elaboração de relatórios de campo. As atividades de campo estreitaram o contato e a vivência com os moradores.

Dentro da concepção da cartografia social, segundo Gorayeb, Meireles e Silva (2015), está a prática da pesquisa participativa ou pesquisa-ação. Para Brandão e Borges (2008, p.53), “os modelos da pesquisa participante se originam dentro de diversas unidades de ação social que atuam preferencialmente junto a grupos ou comunidades populares”. Pode-se dizer que a pesquisa participativa não possui um modelo único de produção científica, devendo ela se alinhar à necessidade dos sujeitos.

O uso da cartografia social na elaboração do mapeamento colaborativo ajuda a entender a concepção dos(as) quilombolas sobre seu território e atender às suas necessidades e anseios. Segundo Gorayeb, Meireles e Silva (2015), a cartografia social possibilita trabalhar diferentes temáticas que se sobressaem pelos territórios, como conflitos territoriais, áreas de pesca, unidades de conservação, entre outros, que necessitam de legenda específica, onde no mapeamento colaborativo, a legenda quem faz são os próprios sujeitos do território.

O primeiro projeto de extensão realizou-se no ano de 2018. Intitulado de “A vulnerabilidade socioambiental da Comunidade Quilombola do Cumbe frente às atividades de carcinicultura e energia eólica”, o projeto possibilitou a realização do mapeamento colaborativo que apontou os impactos dos empreendimentos sobre os sistemas ambientais presentes, bem como as resistências travadas pela comunidade. A partir dessa pesquisa, demos continuidade ao projeto focando nas resistências e no turismo comunitário realizado pelos(as) moradores(as) quilombolas. Essa pesquisa-extensionista foi balizada na visão dos(as) quilombolas do Cumbe sobre o seu território e os caminhos utilizados pelo turismo comunitário. O projeto buscou atender a demanda da comunidade para um mapeamento do território frente às questões de deslegitimação na busca por mostrar a territorialidade das suas atividades.

Na travessia das metodologias, foi feito o levantamento bibliográfico, constituído da leitura de artigos, teses e dissertações nacionais e internacionais acerca do tema da pesquisa e da área de estudo, bem como elaboração de resumos e fichamentos, na busca por compreender a temática. Em meio virtual foi utilizado o portal CAPES de dissertações e teses para obtenção dos trabalhos com temas relacionados aos objetivos da pesquisa.

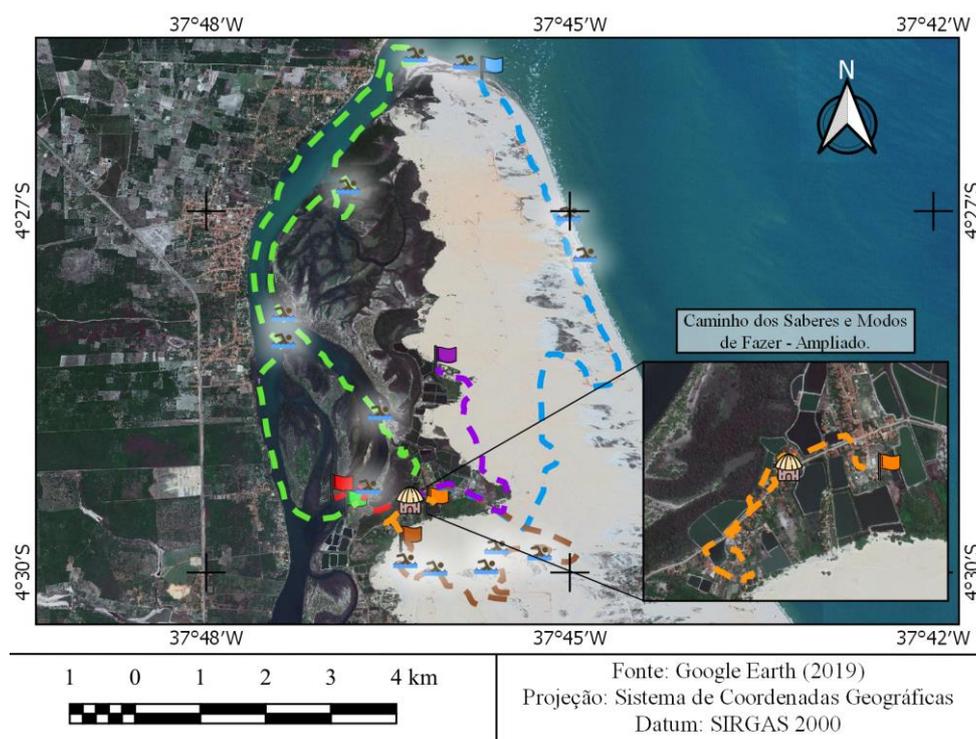
Também houve a consulta no acervo da Universidade Estadual do Ceará e de outros portais como: Google acadêmico, Rede TUCUM e o site do grupo TRAMAS para a construção e enriquecimento da bibliografia. Nos trabalhos de campo foram realizadas rodas de conversa com os(as) membros(as) da Associação Quilombola do Cumbe, dialogando sobre o projeto e discutindo os passos para as atividades.

A partir da socialização, foi possível fazer os ajustes e ter os(as) quilombolas participando efetivamente de cada passo dos projetos. Os sujeitos do território foram protagonistas em todo o desenvolvimento desta pesquisa. Com a ajuda dos moradores, foi possível entender as atividades realizadas no território e os principais caminhos a serem percorridos, a partir de marcações elaboradas pelos(as) quilombolas.

Os caminhos do turismo comunitário do Quilombo do Cumbe

Diante das problemáticas socioambientais enfrentadas pela comunidade quilombola do Cumbe, a alternativa do turismo comunitário aparece como forma de exercer uma atividade que traga uma visibilidade para o território, de maneira em que as atividades tradicionais sejam prevalecidas, as atividades ligam a economia solidária. A proposta do turismo comunitário proporciona o contato com a história do lugar, dos(as) moradores(as) quilombolas, da natureza, o conhecimento sobre o artesanato e o contato com as práticas de autoconsumo, as quais trazem para a comunidade uma alternativa de resistência e de turismo na zona costeira cearense.

Mapa 2: Caminhos do turismo comunitário do Quilombo do Cumbe



Legenda

- | | |
|--------------------------------------|--|
| Associação Quilombola | Ponto Final Caminho 1: Sítio Santa Cruz |
| 1 - Caminho Lugares de Memória | Ponto Final Caminho 2: Duna do Por do Sol |
| 2 - Caminho Lagoas do Cumbe | Ponto Final Caminho 3: Quintal da Dona Zuila |
| 3 - Caminho Saberes e Modos de fazer | Ponto Final Caminho 4: Ilha do Mosquito |
| 4 - Caminho Ilhas do Jaguaribe | Ponto Final Caminho 5: Ilha do Caldeleiro |
| 5 - Caminho do Mangue | Ponto Final Caminho 6: Foz do Rio Jaguaribe |
| 6 - Caminho da Praia | Pontos de Banho [14] |

Org.: as autoras, 2022.

A partir de cada caminho construído nas oficinas é possível perceber a história, os conflitos, as atividades econômicas, as injustiças, a paisagem e, principalmente, as resistências. Destaca-se que além do mapeamento ter sido feito com a colaboração dos(as) quilombolas, sendo estes(as) os(as) protagonistas do processo, também foram eles(as) que escolheram todos os títulos que dão nome aos caminhos, aos mapas e às suas legendas, demonstrando a importância da cartografia social e do mapeamento participativo na visibilização dos sujeitos e na elaboração de atividades que proporcionem a visibilização das comunidades tradicionais.

Considerações Finais

Assim, conseguimos entender a importância que deve ser dada à cartografia social dentro do desenvolvimento de projetos de pesquisa nos quais os sujeitos dos territórios estão inseridos. Podemos dessa maneira, evidenciar os diversos gritos de luta e reivindicações da comunidade e socializar o saber cartográfico dos sujeitos. Podemos compreender que a partir da cartografia social o papel da universidade de desenha enquanto facilitadora dos conhecimentos acadêmicos e popular, no fortalecimento de lutas e resistências.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, v. 6, n. 1, 25 set. 2008.

CORIOLOANO, Luzia Neide Medeiros Teixeira. Turismo Comunitário no Nordeste brasileiro. **ANPTUR**, Minas Gerais, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luzia_Neide_Coriolano/publication/267960210_O_turismo_comunitario_no_nordeste_brasileiro/links/5623ef1808ae93a5c92cb434/O-turismo-comunitario-no-nordeste-brasileiro.pdf Acesso em: 11 maio 2022.

GORAYEB, Adryane; MEIRELES, Jeovah; SILVA, Edson, V. da. Princípios básicos de cartografia e construção de mapas sociais: Metodologias aplicadas ao mapeamento participativo. In: GORAYEB, Adriane; MEIRELES, Jeovah; SILVA, Edson, V. da. (Orgs.) **Cartografia Social e Cidadania**. Fortaleza/CE. Editora: Expressão Gráfica e Editora. 2015. p. 9-24.

NASCIMENTO, João Luis Joventino do. **Processos educativos:** As lutas das mulheres pescadoras do mangue do Cumbe contra o racismo ambiental. 2014. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, 2014.

NASCIMENTO, João Luiz Joventino do; LIMA, Ivan Costa. Nas Trilhas da Memória e da História: Cumbe um museu a céu aberto. **Ficção e Poder:** Fortaleza, 2017.

PRISCILLA, Livia. **Rede Tucum:** uma história de colaboração e resistência. Viajar Verde, 2016. Disponível em: < <https://viajarverde.com.br/rede-tucum-colaboracao-e-resistencia/>> Acesso em: 28 mar. 2022.

SANTOS, Lara Maia dos; NASCIMENTO, Natanael Nogueira dos; SANTOS, Camila Dutra dos. **Primeiro relatório de extensão 2019 do Cumbe.** Fortaleza: PROEX, 2019, 38p.

SANTOS, Lara Maia dos. **Os caminhos do turismo comunitário e a afirmação territorial na Comunidade Quilombola do Cumbe, Aracati – CE.** 2020. 121f. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Geografia da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

Recebido em 08/06/2022

Aceito para publicação em 30/12/2022